

***Discurso da Senadora Kátia Abreu, proferido durante a Inauguração Oficial da Expointer 2011.***

Senhoras e Senhores,

Estamos participando de um evento magnífico, a grande EXPOINTER. Aqui está demonstrada de modo muito eloqüente a excelência a que chegou a produção rural no Brasil, e em especial no Rio Grande do Sul. E essa excelência marca o encontro dos dois grandes processos que formaram a moderna agricultura brasileira.

No breve tempo de 40 anos os brasileiros praticamente inventaram uma nova agricultura e uma nova pecuária, completamente nova em relação à nossa produção tradicional e também muito diferente da agricultura dominante, desenvolvida nas regiões temperadas da terra. Foi a ciência e a tecnologia desenvolvidas em nosso próprio país (especialmente pela EMPRAPA) e as instituições e as políticas públicas desenhadas por nós, que tornaram possível que um país que, ainda ontem não produzia sequer para suprir seu então pequeno mercado interno, se convertesse numa potência agrícola mundial, atendendo ao consumo de centenas de milhões de habitantes do mundo.

Não tenhamos dúvida que essa foi uma das maiores realizações da sociedade brasileira, pelo que ela revela da nossa capacidade de mobilizar ciência local, recursos institucionais e a capacidade empreendedora do homem brasileiro.

Mas esse processo não teria sido possível se aqui não houvesse liberdade econômica e propriedade privada. A história dos outros povos nos ensina que mais difícil que inventar uma agricultura é criar as condições institucionais para que ela possa desenvolver-se. A agricultura e a pecuária são um território privativo de homens livres, vivendo numa sociedade livre.

Sempre que a liberdade e a propriedade individual foram suprimidas a produção rural estagnou ou retrocedeu. A história da agricultura na antiga União Soviética e na China de Mao Tse Tung parecem nos dizer que além da luz, do solo, da água e das sementes, as plantas para crescer precisam do sol da liberdade, da liberdade política e da liberdade econômica.

Mas não é possível contar a história de nossa agricultura sem falarmos dos modernos agricultores brasileiros. Esses novos pioneiros, que conquistaram de novo o território brasileiro para o Brasil, são personagens que reuniram em si uma grande crença no futuro e uma crença também em sua própria capacidade de realização. Ao lado disso tiveram a disposição de assumir grandes riscos, econômicos e pessoais, hipotecando em sua aventura seu destino e o destino de suas famílias. É com homens e mulheres desse caráter, que se constrói uma nação verdadeiramente próspera. E a principal fonte dessa gente foi exatamente essa terra do Rio Grande do Sul, berço principal do novo agricultor brasileiro.

Mas a agricultura e a pecuária não poderiam ser o que são se o Brasil também não fosse agora o que é. Não pode haver agricultura rica em um país pobre. Ao contrário do que

afirmam certas retóricas ideológicas, o produtor brasileiro não produz para exportar, e o principal mercado para quase tudo o que produzimos é o próprio Brasil. Porque produzimos muito e cada vez com preços menores nossa produção rural é um dos principais fatores que explicam a elevação do poder aquisitivo das nossas populações emergentes.

O progresso do Brasil é um fato evidente. E para nossa felicidade é um progresso sustentável e duradouro. Não é um surto improvisado, nem o resultado de circunstâncias históricas acidentais. O Brasil de hoje é uma construção lentamente realizada e o resultado da acumulação e da continuidade de políticas racionais. A Constituição de 1988 criou um marco institucional que assegurou o Estado de Direito, os direitos do cidadão, a economia de livre mercado, a propriedade privada e o respeito aos contratos. O Governo Sarney cumpriu seu dever de tornar a transição democrática irreversível e de assegurar um ambiente de liberdade para a elaboração constitucional. O Governo Collor realizou a tarefa épica de abrir a economia para o exterior e iniciar o processo de privatização. Os Governos Itamar e Fernando Henrique realizaram o imprevisto milagre da estabilidade de preços, completaram as privatizações e modernizaram as estruturas do Estado. E o ex Presidente Lula não permitiu que vencessem as pressões pela ruptura e deu à continuidade e à acumulação de resultados a qualidade nova das políticas diretas de eliminação da pobreza. Por termos preferido a continuidade e não a ruptura somos agora um país adulto, preparado e mesmo ansioso para enfrentar as tarefas da vida adulta, como nação e como país, diante de um velho mundo que parece desmoronar.

E a presidente Dilma chega neste momento de grandes incertezas no mundo. Onde tudo parece estar fora do lugar. Vossa Excelência tem dado todas as demonstrações de que é capaz de conduzir o Brasil diante dos desafios de um mundo em reconstrução.

E nós Produtores de Alimentos do Brasil, estamos prontos a colaborar no enfrentamento destes desafios.

O futuro da agricultura brasileira depende do futuro do Brasil. Somos parte da mesma coisa. Para que continuemos fortes, precisamos de uma indústria forte, de um comércio moderno, de bons serviços de infraestrutura, de uma sociedade sem pobreza, e de oportunidade para todos. Queremos pensar no futuro, mas sabemos que o futuro começa sempre hoje.

Para concluir, convido a todos para uma reflexão. Estamos assistindo nesses dias à grave crise do Estado nos países ricos. A cuidadosa arquitetura da sociedade do bem-estar nunca esteve tão ameaçada. E não por culpa de seus adversários filosóficos ou políticos, mas sim pela debilidade fiscal dos estados nacionais. Fica cada dia mais claro que a indisciplina no presente arruína o futuro. As lições desse drama Europeu nos ensinam que a criação irrefletida de direitos que são debitados ao Estado pode até proporcionar uma breve euforia, mas seu desfecho é inevitável – cedo ou tarde a conta será cobrada de todos, em forma de crise fiscal, baixo crescimento e toda a sorte de amargos remédios. Não podemos nos desembaraçar do passado, nem nos alhearmos do futuro. Como dizia o historiador inglês Edmund Burke, a sociedade verdadeira não é apenas uma parceria entre os homens que estão vivos, mas uma parceria entre os que estão vivos os que já morreram e os que ainda vão nascer.